



• Texto: RAQUEL LUÍS
• Fotos: SOFIA LOBATO, FÁBIO INGEGNO E JR

Natural de Cascais, foi no Brasil que Maria Amália Baraona desenvolveu a paixão pela doçura da Bossa Nova. Passou por vários países onde conheceu e trabalhou com vários músicos, mas foi na Croácia, onde vive actualmente, que conheceu Dinko Stipaničev, que a acompanha no projecto "Outras Bossas". O Correio da Linha falou com os dois músicos que passaram por Portugal no passado mês de Junho para apresentar o trabalho "A Velha Bossa Nova".

Correio da Linha (C.L.) – Actualmente vive na Croácia. Porquê a escolha deste país para residir?

Maria Amália Baraona (M.A.B.) – Foi um longo percurso até chegar à Croácia e vivo lá porque trabalhou para a dele-



"...faço música em paralelo com músicos maravilhosos..."

gação da União Europeia em Zagreb na parte de contratos e adjudicações. Anteriormente vivi e trabalhei em Bruxelas durante muitos anos, depois fui para a Albânia e só seis anos mais tarde fui para Croácia, em Dezembro de 2009.

C.L. – No entanto, para além daquele trabalho também se dedica à música. Como surgiu esta paixão?

M.A.B. – A minha família deixou Portugal em 1975 e foi para o Brasil. Foi lá que eu cresci e vivi a maior parte da minha vida. Nos anos 70 nós, adolescentes, quando saíamos não íamos para a boite. Pegávamos num violão, num cavaquinho, num pandeiro, tocávamos e fazíamos os nossos saraus musicais. Cresci a ouvir músicos como Tom Jobim e João Gilberto e esta música ficou-me no sangue. Ainda que não tenha feito dela profissão, por falta de coragem ou de oportunidade, a música esteve sempre presente na minha vida.

C.L. – Pensa fazer da música a sua carreira?

M.A.B. – Penso todos os dias, mas julgo que há um tempo para tudo e a música é algo que tem de ser levado muito a sério, é um mundo muito vasto e eu respeito demais a música para fazer dela a minha profissão agora. Acho que faço melhor música e dou o melhor de mim à música como estou: trabalho numa área mais tradicional e faço música em paralelo com músicos maravilhosos que tenho tido o prazer de conhecer nos países por onde tenho passado.

C.L. – O que a motivou a dedicar-se à música?

M.A.B. – Quando cheguei aos 40 anos achei que estava na altura de começar a levar a sério uma coisa de que eu sempre gostei. Na Albânia conheci vários músicos e, curiosamente, ainda que Tirana esteja completamente fora do circuito, vivem lá uma série de excelentes músicos de Jazz, principalmente italianos. Acabei por conhecer dois ou três desses grandes músicos o que me motivou bastante, porque através do olhar deles, da vontade deles de tocarem

Maria Amália Baraona

"Canto por instinto e

comigo, eles profissionais e eu amadora mas amando a música, senti que de facto tinha algum potencial.

C.L. – Qual foi a sua primeira experiência musical?

M.A.B. – A primeira experiência musical que tive em palco e com público foi em Bruxelas no início dos anos 90. Como sou bastante envergonhada tive alguma dificuldade em encarar o público e só olhava para ele a meia haste.

C.L. – Tem algum ritual antes de entrar em palco?

M.A.B. – Não sei se se pode chamar de ritual mas gosto de calma, de estar em silêncio e passar as músicas. É um momento de reflexão e de preparação daquilo que vou fazer.

C.L. – Quem são as suas influências musicais?

M.A.B. – No que respeita à Bossa Nova o incontornável António Carlos Jobim, o João Gilberto e uma cantora que se chamava Sílvia Telles que faleceu aos 32 anos e era uma das musas do Tom Jobim no início da sua carreira. Quanto ao Jazz, a Ella Fitzgerald e o Chet Baker cuja música teve sempre uma grande doçura... acho que ele teve a Bossa antes da Bossa nascer. Também tenho influências instrumentais, como o pianista Bill Evans, que transmitem a mesma doçura vocal que se encontra na Bossa Nova.

C.L. – Como descreve a sua música?

M.A.B. – Calma, tranquila, profunda, uma música que vem do coração.

C.L. – Teve formação musical?

M.A.B. – A pouca formação que tive foram *workshops* que comecei a fazer há cerca de 20 anos em Bruxelas e depois em Itália, alguns deles com cantoras como a Maria Pia de Vitto que é uma das maiores cantoras de Jazz italianas. Também tive algumas aulas com a Paula Oliveira para trabalhar aspectos mais técnicos como a respiração. Como não sou cantora profissional e não tive formação desde criança não sei ler música portanto quem lê e escreve arranjos é o Dinko. Canto por instinto e por amor.

C.L. – O seu primeiro álbum foi lançado o ano passado e intitula-se "Mulheres". Porquê este nome?

M.A.B. – Porque há muito para dizer sobre as mulheres e porque os compositores brasileiros escrevem de uma forma maravilhosa sobre nós. A particularidade deste projecto é que todas as músicas foram compostas por homens, excepto a "Essa Mulher" que foi escrita pela Joyce uma cantora e compositora brasileira da segunda geração da Bossa Nova. Esta música é completamente anónima pelo que pode dirigir-se a qualquer mulher, enquanto todas as que foram compostas por homens têm um nome, têm um destino específico.

C.L. – O álbum não foi distribuído em Portugal. Sente falta do apoio das instituições culturais portuguesas?



M.A.B. – Sinto, mas temos de ser justos pois Portugal não é uma excepção. Na área da cultura, e neste caso da música, os apoios são difíceis em qualquer país e muitas vezes fazem-se de maneira informal. O único país onde o meu trabalho foi distribuído, tanto em lojas como na internet, foi em Itália onde foi gravado. Na Croácia houve um contacto informal portanto há algumas lojas de discos em Zagreb que vendem o álbum mas é uma coisa completamente pessoal.

C.L. – Como vê até agora o seu percurso musical?

M.A.B. – Foi difícil mas muito gratificante. A minha irmã, Isabel Baraona é artista porque estudou e teve formação para isso desde menina. Enquanto eu, sempre quis ser artista mas não tive a coragem nem a força dela para fazer isso desde o início. Assim, quando decidi dedicar-me à música foi difícil porque há uma idade para tudo e começar a levar a música a sério aos 40 anos é muito diferente de o fazer aos 20. Isto acabou por ser também muito gratificante porque ainda que eu tenha tomado esta decisão numa fase mais tardia da minha vida tive um retorno praticamente imediato de todos os músicos que encontrei nos vários países onde estive o que me levou a pensar que talvez não tenha começado a levar a música a sério tarde demais, mas sim na altura certa. Se tivesse feito isto mais cedo talvez não



"Não foi fácil dominar a emoção..."

por amor”

tivesse me tivesse dado tanta satisfação pessoal.

C.L. - Como surgiu este duo com DinkoStipanicev?

M.A.B. -Assim que cheguei à Croácia a minha prioridade foi descobrir músicos. Conheci o Pedro Ribeiro Rodrigues, guitarrista clássico português radicado em Zagreb, e fui trabalhando com ele. Entretanto conheci o Joe Pandur, um excelente guitarrista croata, com quem dei o meu primeiro concerto lá. A assistir a esse concerto estava uma senhora que é grande amiga do Dinko e que me convidou para ir ver o quinteto dele a actuar. Aí, fomos apresentados e ele perguntou-me gentilmente se



“... todo o tempo é tempo de Bossa”

C.L. - Como reage o povo croata à sua música?

M.A.B. - Reage bem porque a música que eu canto tem uma doçura à qual os croatas não estão habituados. Há uma série de excelentes músicos de Jazz croatas que tocam Bossa, mas tocam *standards* como a Garota de Ipanema, o Samba de Uma Nota Só, o Chega de Saudade e numa abordagem mais Jazz. Aquele lado mais tranquilo da Bossa é uma coisa nova para eles e parecem estar a gostar. Julgo que esta boa reacção está também ligada ao facto de eu falar muito durante os concertos. Gosto de contar as histórias da Bossa porque acho que enquanto cantora e enquanto público é um sentimento totalmente diferente quando sabemos de onde é que a música vem, porque é que é assim, etc.

C.L. - O que significa para si levar um bocadinho da cultura portuguesa ao estrangeiro?

M.A.B. -É importantíssimo e é uma das razões pelas quais, ainda que seja apaixonada pelo Jazz, faço sempre questão de ter um trabalho muito específico de música em português. Não canto música tipicamente portuguesa porque não é essa a minha identidade musical. Não cresci aqui, a minha formação como artista é brasileira, são essas as minhas referências. Jamais representaria bem a música portuguesa, nomeadamente o fado, porque não tenho essa sensibilidade. De qualquer forma cantar música brasileira e cantar em português dá-me uma grande satisfação, especialmente num país como a Croácia onde há um interesse natural pela língua lusoa que me surpreendeu bastante. Se não me engano, o português é a terceira língua mais falada na Croácia. Tudo o que possa fazer para a divulgação da nossa língua fá-lo-ei.

C.L. - Como é o mundo da música na Croácia?

M.A.B. -Antes de mais a Croácia tem uma tradição muito grande em música

clássica. Além disso, os croatas têm uma coisa que nós não temos e que é própria da região, que é o facto de a música fazer parte da formação do indivíduo tal como a matemática ou a língua do país. A vida cultural croata é muito rica: têm a Opera em Zagreb, têm o Lisinski que é um centro de espectáculos, têm a Academia de Música que tem concertos de guitarra e de piano uma vez por semana.

C.L. - Com a emersão do Pop, do Rock e de outros géneros musicais como vê a situação do Jazz e da Bossa Nova no mundo da música?

M.A.B. -Nenhum dos novos géneros musicais vais algum dia conseguir sobrepor-se de forma a fazer morrer aquelas que são as suas bases. Recentemente reli o livro “Chega de Saudade” do jornalista brasileiro Rui Castro que conta a história da Bossa de uma forma completa e com um sentido crítico extraordinário. No livro, o Rui Castro chama atenção para o facto de os americanos nunca dizerem “no tempo do Jazz” porque todo o tempo é tempo do Jazz enquanto nós, portugueses e brasileiros, temos a tendência para dizer “isso é do tempo da Bossa” porque o tempo da Bossa é o fim dos anos 50/60, o que é um erro porque todo o tempo é tempo de Bossa. A Garota de Ipanema é a segunda música mais gravada do planeta. A Bossa foi uma das poucas músicas que influenciou o Jazz. Estes são dois géneros que estão bastante vivos têm é interpretações diferentes porque há músicos novos, há novas sensibilidades. Hoje em dia seria muito difícil ter músicos de Jazz com uma abordagem tão vinda da alma como a do Louis Armstrong ou a da Ella Fitzgerald. No entanto, continuam a existir bons músicos de Jazz como a Stacey Kent ou a Diana Krall que vivem e transmitem o Jazz de uma forma diferente.

C.L. - Actuaram pela primeira vez em Portugal no passado mês de Junho. Como correram os concertos?

M.A.B. - Tanto no dia 23/06 no Centro Cultural de Cascais como na Sala Eduardo Prado Coelho na Fábrica Braço de Prata na noite seguinte, sen-

ti-me em casa. Não foi fácil dominar a emoção ao ver tantas caras conhecidas há muito perdidas de vista, familiares e amigos no meio do público. Este foi extraordinariamente caloroso e recebeu bem este projecto d’ “A Velha Bossa Nova...” ao longo do qual cantamos e contamos histórias da Bossa mostrando imagens de uma época em que “mar” rimava sempre com “amar”... Houve pessoas que me disseram no fim dos concertos: “não sei do que gostei mais, se das histórias ou da música”. É gratificante, num mercado como o nosso onde se houve tanta música brasileira, conseguir trazer algo novo para o público, levando-o a apreciar mais a Bossa ao descobrir as histórias de que ela é feita!

C.L. -Que planos tem para o futuro?

M.A.B. -Tenho um projecto que está a germinar, ligado a um grande com-



“... a música esteve sempre presente na minha vida”...

positor brasileiro chamado Roberto Menescal, que é um dos pais da Bossa. Ele ouviu-me, gostou da minha música e enviou-me uma série de músicas nas quais estou a trabalhar. Será então feito um álbum só com o trabalho dele no qual irão constar, não só temas clássicos da Bossa, como o Barquinho e Você, mas também coisas novas que ele continua a compor.

C.L. - Como é para um croata sentir a Bossa?

DinkoStipanicev(D.S.) - Apaixonei-me pela Bossa a ouvir João Gilberto, que é realmente um artista magnífico. É impossível definir o que significa tocar e cantar Bossa, mas é sem dúvida algo mágico, porque a Bossa transmite uma paz universal e ao mesmo tempo uma energia selvagem.

C.L. - Como é trabalhar com a Amália?

D.S. - É como se tivesse voltado à escola: ela é a professora e eu sou o aluno mas é muito agradável e satisfatório. ■



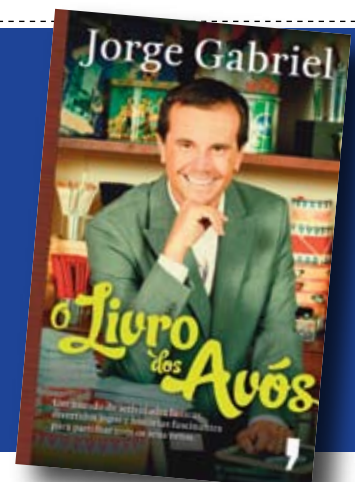
Dinko e Maria Amália

queria cantar qualquer coisa com eles. Acabei por cantar o Corcovado do Tom Jobim e fomos mantendo o contacto. Começámos por trabalhar o Jazz, até que o Dinko conheceu o mundo da Bossa Nova. Até aí, ele só conhecia a Bossa, como aliás a maior parte dos músicos estrangeiros não brasileiros, com a abordagem americana, não conhecia a Bossa do João Gilberto, do LuizBonfá com as harmonias e as batidas que fazem da Bossa o que ela é. Ele ficou apaixonado e iniciámos o projecto Outras Bossas juntamente com o Pedro Ribeiro Rodrigues que acabou por abandonar o trio o ano passado para se dedicar à sua área musical. Temos ainda o nosso quinteto que são os *Jazzancholics*, que ao contrário do que se possa julgar não vem de *alcoholics* (alcoólicos), mas sim de *melancholics* (melancólicos) porque a música que nós fazemos não é necessariamente dançante, mas sim uma música melancólica, uma música mais doce.

Torne-se assinante de O Correio da Linha por 13 euros/ano (12 edições)

e receba o Livro dos Avós de Jorge Gabriel

Rua Prof. Mota Pinto, loja 4
2780-275 OEIRAS
Tel.: 21 443 00 95 / 96
geral@ocorreiodalinha.pt



Cupão de Assinatura

Nome:

Morada:

Cod. Postal Tel. Profissão

Data Nascimento Junto cheque nº do banco

Contribuinte A partir de